

J.A.M. – Ali, ele não foi para junto de um leito. Ele tomou um texto.

J.L. – É inteiramente verdadeiro. Ele não foi fazer o Presidente Schreber tagarelar. Não resta dúvida de que ele nunca é mais feliz do que com um texto.

J.A.M. – Eu ainda tenho algo a perguntar-lhe, concernente à prática da psicoterapia, da qual deveremos falar nesta Seção clínica. Recentemente, você soltou esta fórmula sem disfarce: “a psicoterapia reconduz ao pior”. Isto deveria implicar que não podemos dizer-nos ao mesmo tempo “lacanianos” e “psicoterapeutas”. Eu me pergunto até que ponto leva-se isto a sério e, para dizer a verdade, até que ponto você leva a sério o que disse.

J.L. – Eu disse aquilo seriamente.

J.A.M. – A psicoterapia não adianta?

J.L. – É certo, não adianta fazer terapia do psíquico. Freud também pensava assim. Ele pensava que não era necessário apressar-se em curar. Não se trata de sugerir, nem de convencer.

J.A.M. – E, além disso, ele pensava que para o psicótico não era possível, pura e simplesmente.

J.L. – Exatamente.

Ninguém tem mais nada para acrescentar?

A clínica psicanalítica deve consistir não apenas em interrogar a análise, mas em interrogar os analistas, para que dêem conta do que sua prática tem de arriscado, que justifica Freud ter existido.

A clínica psicanalítica deve ajudar-nos a relativizar a experiência freudiana. É uma elucubração de Freud. Eu colaborei para ela, mas não é motivo para que fique preso a ela. De qualquer modo, é preciso dar-se conta de que a psicanálise não é uma ciência, não é uma ciência exata.

Texto estabelecido por J.A. Miller, para *Ornicar*, nº 9, Paris, 1977.

Tradução: Jeni Wolff

Revisão: Luís Fernando L. de Oliveira

## HISTÓRIA E ATUALIDADE – ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS

Marta Pedó e Robson de Freitas Pereira

A proximidade do Congresso de *Convergencia* e as recentes discussões a respeito dos rumos da psicanálise e dos psicanalistas no Brasil e no mundo fizeram ressoar algumas questões, entre elas: “Por onde anda a psicanálise lacaniana hoje? Quais seus rumos conceituais e perspectivas no cenário internacional?” Estas perguntas nos orientaram para este breve texto construído a partir da história da Psicanálise e também de dados encontrados em *sites* anglo-americanos.<sup>1</sup> Convidamos o leitor a nos seguir nesta jornada, um pouco histórica e um pouco geográfico-arquitetônica, para ensejar a continuidade da discussão.

### UM POUCO DA HISTÓRIA DA PSICANÁLISE EM GERAL:

Desde o início do século XX a psicanálise vem se expandindo. Roudinesco (2000) escreve que em quarenta e um países ela teve um impacto considerável na clínica e na cultura. Contudo, apenas em trinta e dois desses o movimento psicanalítico prosseguiu, às vezes tornando-se um movimento institucional poderoso, às vezes tornando-se uma instituição limitada a determinado grupo ou a um pequeno número de indivíduos. Não deveria surpreender que se expandiu, com exceções (exemplo: Japão e Índia) na civilização ocidental (Europa, Américas, Austrália, Israel, Líbano) guardadas algumas variações.

Freud delegou a função de regulação da psicanálise à IPA (International Psychoanalytical Association) em 1910. Esta era a única legitimada autoridade por quase 20 anos, então dirigida pelos alunos da primeira geração.

<sup>1</sup> Podemos não concordar em alguns momentos com a inclinação do relato ou da apresentação conceitual restrita a determinado momento da elaboração lacaniana. Porém, a opção foi efeito de uma curiosidade em saber como está sendo difundida a história do movimento psicanalítico, especialmente os efeitos da transmissão de Lacan. Os *sites* brasileiros, franceses e argentinos são obviamente os mais numerosos e com produção mais diversificada.

Com as cisões que ocorreriam em 1927, a IPA gradualmente deixou de ser o veículo de seguimento da psicanálise, permanecendo contudo – pelo menos algum tempo – como a autoridade “legítima”. Uma “legalidade” que colocou o próprio Freud na oposição; vide seu trabalho “A psicanálise leiga”, no qual ao defender o direito de Theodor Reik de exercer a prática analítica, simultaneamente, fazia a defesa da especificidade da formação psicanalítica, tentando evitar que ela se transformasse “num capítulo de alguma enciclopédia médica”.

Na verdade, os dissidentes não deixaram a comunidade, mas tentaram criar outras correntes dentro da mesma. As cisões dos anos entre guerras foram sintomáticas da impossibilidade da psicanálise ser representada por um só governo. Aquele período de cisões refletia o que era a própria essência da invenção freudiana: a descentralização do sujeito, a abolição da mestria, a derrocada da autoridade monárquica.

Assim, após a II Guerra, haviam outras associações coexistindo e grupos que rejeitavam a idéia de uma única instituição centralizadora. As cisões assinalavam a transformação da psicanálise – havia então muitas internacionais psicanalíticas – heterogêneas ou em permanente mudança. Calcula-se que neste início do século XXI existem em torno de 30.000 praticantes inscritos em instituições.

Os historiadores ainda nos lembram que o sucesso do qual a psicanálise usufruiu foi desafiado por ataques continuados desde sua invenção por Freud. Durante a primeira metade do século vinte foi tomada como pansexualismo e acusada de fazer regredir o comportamento civilizado, de corromper a moral e trazer a discórdia às famílias. Após 1960, quando o mundo ocidental tornou-se mais liberal quanto à sexualidade, a psicanálise foi condenada como ineficiente clinicamente, por ser de natureza insuficientemente eficaz. Isto que durante a vigência da política da “guerra fria”, psicanálise era considerada uma “ciência burguesa” pela grande maioria dos países sob a égide do leninismo-stalinismo (mais afeitos ao cientificismo pavloviano). Ainda no ocidente, depois de ter sido banida do reduto dos cidadãos politicamente corretos por seu espírito rebelde, foi excluída da acade-

mia de notáveis da ciência por estar ligada às tradições do humanismo grego e judaico-cristão, considerada conservadora. Após a queda do muro de Berlim a situação da psicanálise no Leste europeu vem se modificando rapidamente; de certa forma acompanhando as transformações que se seguiram a queda do império soviético e a globalização do sistema capitalista.

Talvez possamos considerar essas críticas como um sinal da força da psicanálise sem cairmos no argumento tautológico de que toda crítica e oposição é índice de resistência e denegação. O debate com os saberes do seu tempo sempre foi um dos pressupostos da psicanálise. Contudo, embora suas instituições não estejam em perigo, seu ensino é seriamente ameaçado nas universidades, de maneira diferente de acordo com o país. Está reduzido na Europa; nos EUA fica restrito ao Departamento de Ciências Humanas (literatura, filosofia, sociologia, história); enquanto na América Latina – Brasil e Argentina se sobressaindo – tem-se estabelecido com força na formação dos psicólogos (inclusive na Universidade, o que paradoxalmente, poderia explicar a vitalidade do movimento psicanalítico latino-americano hoje). Acrescente-se que diferentemente da Europa, no Brasil o lacanismo, inicialmente, teve maior acolhida entre os psicólogos, para posteriormente receber demandas de formação de pessoas oriundas de outras áreas do saber (filosofia, antropologia, letras, história, educação e artes, para citar os mais expressivos). Voltaremos a este ponto mais adiante.

#### A PARTIR DA OBRA DE JACQUES LACAN:

Na França, como é bem conhecido, a psicanálise não chegou cedo, em comparação com alguns países vizinhos à terra natal de Freud. No período entre guerras, era uma prática relativamente marginal, confinada nos anos 30 ao círculo do Surrealismo. A prática clínica, conservadora, estava ligada à psiquiatria.

É na década de 50, conta-nos John Haber, que o trabalho de Lacan se inicia, época em que a psicanálise freudiana tinha pouco impacto na França, pois o existencialismo estava em alta. O impacto do seu trabalho foi imediato e marcante – seus seminários eram disputadíssimos – a psicanálise ga-

nhava novo fôlego com a proposta do “retorno a Freud”. O momento histórico vinha em favor da mudança lacanista – entre 1964 e 1968 o *status quo* era continuamente pressionado por movimentos de oposição diversos, em especial o estudantil. Junta-se ainda a isto a filosofia de Michel Foucault (com sua crítica a Sartre) e uma onda estruturalista. O debate com o existencialismo, a proposta de novas discussões filosóficas, uma movimentação intensa no cenário das artes propiciam o cenário em que Lacan vem propor um retorno a Freud, desta vez um Freud estruturalista, quer dizer, mais conceitual e adequado às exigências de rigor dos novos tempos.

O inconsciente é social e estruturado como uma linguagem, diz Lacan. Na linguagem, as palavras ganham significação apenas de outras palavras, e a unidade de significação é relativa às posições das palavras na própria língua, em última instância. Há um sistema, uma estrutura, sem uma base, e a significação é sempre “adiada” à palavra seguinte numa cadeia associativa.

Tomando a associação livre e o desenrolar do desejo que a move dois postulados fortes em Freud – Lacan propõe algo fundamental: é o simbólico expresso no discurso, que importa não a novela imaginária envolvendo papai e mamãe. Mesmo que a novela seja absolutamente imbricada para qualquer sujeito, é pelas palavras que o imaginário cede ao desenrolar do trajeto do desejo.

Através desses conceitos poderosos e, por que não dizer, do seu carisma, Jacques Lacan empolgou toda uma geração. Poder-se-ia questionar seu linguajar barroco e de difícil compreensão, mas este parecia, ao contrário, encantar ainda mais. Aqueles psicoterapeutas que tinham seus estudos reduzidos ao existencialismo e à psicanálise influenciada pelos pós-freudianos da *ego-psychology*, puderam questionar-se com base nas críticas lacanianas. Em torno dos anos 80, o lacanismo já era um movimento consolidado, com sustentação própria.

Fora da psicanálise, o estruturalismo seguia ganhando força, em especial na crítica literária, pelo menos até os anos 80. Será que Lacan lidava com a psiqué como se ela fosse uma obra literária? Dali advém uma nova forma de interpretação freudiana. Indiretamente, Lacan deu origem a outras

derivações, nomeadamente o pós-estruturalismo (Derrida) nas tendências literárias, celebradas por alguns intelectuais britânicos na América.

Um pequeno parêntesis: para Lacan, no seminário sobre a Carta Roupada (de Edgar Allan Poe), *uma carta sempre chega a seu destino*. Em contrapartida, Jacques Derrida diz que *uma carta nunca chega a seu destino*, pois na linguagem, na literatura ou na psicologia, a significação nunca pode ser encerrada ou traduzida de uma forma final. Esta vem a constituir-se numa polêmica que levou a criação de uma “corrente derridiana”. E cujos desdobramentos só puderam ser amenizados muito recentemente (vide os recentes pronunciamentos do próprio Derrida).

Além dos literatos, as feministas encontraram em Lacan suporte para questionar o lugar designados às mulheres no social. Na Inglaterra, Jacqueline Rose e Juliet Mitchell tomam o estádio do espelho como uma excelente metáfora para um mundo que enche as mulheres de espelhos e fotos da moda, transformando-as em madonas e prostitutas. Além das feministas, Julia Kristeva, Luce Irigaray, Hélène Cixous e outras psicanalistas parisienses celebravam que a arte poderia dar lugar a significação mais facilmente do que a simples prosa. Encontrar a significação, prosseguiriam as feministas, constitui a diferença entre a melancolia e a vitalidade, entre o feminismo e o silêncio. Trata-se da diferença entre a falta inconsciente e a plenitude do desejo chamada de arte (revista de arte e pós-modernismo).

Na América do Norte, escreve Anna McLellan, os conceitos lacanianos têm sido referência corrente nas ciências sociais, artes e humanidades, nos estudos de gênero, na filosofia e na teoria política desde os anos 80. Contudo, entre os agentes da saúde e para o público em geral Lacan permanece virtualmente desconhecido, ou assunto de debates acirrados. Na última década, muitos livros tornaram seu trabalho mais acessível, incluindo a tradução de diversos seminários.

No cenário internacional, Charles Shepherdson ([www.litenc.com](http://www.litenc.com)) diz que vamos encontrar Lacan também citado como influente nos estudos de gênero, na teoria do cinema, nas teorias sobre a cultura em geral. Mais recentemente, autores eslovenos (Joan Copjec, Slavoj Žizek e Mladen Dólar)

na chamada “escola eslovena” de Lacan, têm estabelecido uma posição forte na área da cultura política, especialmente na relação do diálogo da psicanálise com os desdobramentos atuais do marxismo. Na literatura, o trabalho de Lacan tem importância já sólida, devida em parte à sua proximidade e o trato com a obra dos escritores, desde os surrealistas até Joyce, que Lacan praticou ao longo de seus seminários e escritos.

Nos países de tradição anglo-americana, a clínica, a filosofia e o culturalismo tomaram caminhos diferentes, sendo que a teoria lacaniana tem encontrado inserção nestes últimos, mas o aspecto clínico de suas teorias, essencial à sua compreensão, não foi ainda aceito, senão restritamente. Resulta uma posição curiosa para o trabalho de Lacan, cujo impacto cresce na medida em que a psicanálise adquire um lugar na relação que mantém com as disciplinas vizinhas (lingüística, antropologia, filosofia, história da ciência e afins).

Deve-se ainda registrar que muito do trabalho de Lacan não apenas ainda não foi traduzido para muitas línguas, como também não foi editado completamente em francês (a polêmica sobre a edição dos seminários e escritos ainda está longe de terminar e daria um capítulo à parte). Assim, seu aparecimento no mundo permanece aberto. Trata-se de um campo a emergir em boa parte do planeta. (Shepherdson, da *Lacanian School of Psychoanalysis and the San Francisco Society for Lacanian Studies*).

#### O BRASIL

No Brasil, diz Joel Birman (revista *Cult*, número 77, fevereiro/2004)<sup>2</sup>, a psicanálise teve sua entrada, na década de 1930, pelos meios psiquiátricos. Numa versão higienista e destacada do social, o filtro da psiquiatria fazia-se sentir na medicalização. Os psicólogos, à margem da formação psicanalítica no Brasil, foram buscar nos argentinos instituições que abrigassem seus pedidos. Na metade da década de 70 surgiram as primeiras instituições

<sup>2</sup> Os dossiês da revista *Cult*, e de *magazine litteraire* (Paris, Fev.2004) serão comentados oportunamente.

lacanianas no Brasil, sendo que pouco depois, nos anos 80, as faculdades de psicologia nas universidades abriram espaço à psicanálise através de pós graduação ou mesmo nos currículos regulares da graduação.

Há uma situação bastante diferenciada da psicanálise lacaniana no Brasil, cuja inserção não encontra paralelo em outro país. Se podemos indicar que fatores contribuem para isto, encontramos o diálogo com outras disciplinas e o movimento clínico em direção ao social (a clínica é sempre do social). Em nosso território, a psicanálise tem uma diversidade de organizações – instituições lacanianas ou não, grupos de estudo, clínicas e mesmo uma associação com departamentos de universidades. Estes grupos fazem reuniões de trabalho articulando-se regional e nacionalmente. Nos últimos anos, muitos psicanalistas de orientações diferentes aderiram aos “Estados Gerais”, iniciativa proposta por E. Roudinesco e R. Major, cujo último congresso aconteceu no Rio em novembro de 2003. Sem falar nas iniciativas mais antigas como “A Reunião lacanoamericana” (de 86), e outras propostas oriundas da Europa (Fundação européia de Psicanálise, Interassociativo de Psicanálise). Em todas elas, sem entrar numa discussão mais aprofundada, é visível um desejo de psicanalistas poderem trocar suas questões, mantendo vivo o vigor de uma descoberta que tem pouco mais de um século e foi radicalmente renovada a partir dos anos 50 do século XX por Jacques Lacan.

#### CONVERGENCIA E INFORMAÇÕES DA GEOGRAFIA PSICANALÍTICA ATUAL:

No final dos anos 90 surge *Convergencia*, Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana. Assinam a Ata de Fundação, em Barcelona, outubro de 1998, 45 instituições, sendo em sua maioria (78%) argentinas (14), francesas (13) e brasileiras (8). Hoje figuram no site do mesmo Movimento ([www.convergenciafreudlacan.org](http://www.convergenciafreudlacan.org)) 36 instituições, sendo 28 (70%) destas francesas (11), argentinas (9) e brasileiras (8). Segue, embora menor, significativa a polarização em alguns centros de inserção do movimento. Distribuição que pode ser representativa dos três principais centros de referência do lacanismo hoje.

Além de se propor a discutir questões cruciais para a psicanálise hoje, retomando conceitos lacanianos e apontando sua vigência (vide o congresso deste ano sobre as “Variantes da cura e a direção do tratamento”), e *Convergencia* também posiciona-se sobre a situação social da psicanálise em diversos países. Tendo produzido documentos com colegas italianos, franceses e brasileiros a respeito do posicionamento dos psicanalistas frente às crescentes tentativas (e não só tentativas) de ingerência do Estado na prática psicanalítica.

#### PSICANÁLISE E PSICOTERAPIA

Na França, médicos e psicólogos (apenas) estão autorizados a exercer a psicoterapia desde janeiro de 2004. Lei que aparentemente pegou de surpresa os psicanalistas que estão ainda se mobilizando para dar um rumo diferente e adequado à ética psicanalítica. Os desdobramentos político e institucionais desta situação, que certamente terá reflexos em todo o movimento psicanalítico, ainda estão acontecendo. Relacionamos a seguir, a situação em alguns países.

Na Itália, é de alguns anos atrás a lei Ossicini (1989). A profissão de psicoterapeuta é uma especialidade regulada pelo Estado (requisitos de cursos de formação, etc.) Na Alemanha, também. Idem Áustria. Dizendo em outras palavras e de maneira simplificada: os psicanalistas têm que se inscrever como psicoterapeutas para poderem ser reconhecidos pelo Estado.

No Brasil, a situação não é esta, o Estado ainda não legisla sobre a prática. Mas, os psicanalistas barram “todo dia” um processo novo que aparece. Faz tempo, pelo menos desde os anos 80, que grupos das mais diversas orientações – principalmente religiosas – tentam “legalizar”, regulamentar a psicanálise. Dependendo da ocasião histórica grupos não religiosos também acharam que seria oportuna senão uma regulamentação, uma “regulação”. A discussão não está encerrada. Entretanto, há a este respeito um movimento criado por diversas instituições psicanalíticas, entre as quais lacanianos e instituições ligadas a IPA, que estão conseguindo trabalhar em conjunto, com o objetivo de impedir que a psicanálise seja apropriada por

movimentos espúrios e difusos; tais como a tentativa de associá-la à religião evangélica, coisa que fere frontalmente um dos princípios básicos da formação psicanalítica. Não sabemos que futuro todas estas movimentações nos reservam, mas um dos ensinamentos que a psicanálise nos transmite é que seu exercício só pode acontecer quando a liberdade de expressão não está constrangida por fundamentos religiosos, políticos ou ideológicos de qualquer natureza. Faz tempo que aprendemos com Freud e Lacan que a lógica da esfera, da completude e da perfeição foi rompida, ultrapassada, e que as tentativas de trazer a harmonia são formas de enfrentar o mal-estar impossível de ser consumido totalmente. Esperamos estar à altura deste trabalho de reconhecimento do Real que organiza nossa clínica cotidiana e nos faz de-sejar compartilhar as dificuldades.

Fontes:

[www.convergenciafreudlacan.org](http://www.convergenciafreudlacan.org)

Haber, John. *Who is Jacques Lacan?*. New York. In: [www.haberarts.com/lacan.htm](http://www.haberarts.com/lacan.htm)

McLennan, Anna. *Demystifying Lacan*. In: [www.chronogram.com/healthyliving/fall2001winter2002/lacan.htm](http://www.chronogram.com/healthyliving/fall2001winter2002/lacan.htm)

Roudinesco, Elizabeth. *Psychoanalysis at the End of the 20th Century*.

\_\_\_\_\_. *State of Psychoanalysis Worldwide*. in: *Introduction to Estates General of Psychoanalysis*. (July, 8<sup>th</sup>, 2000)

Shepherdson, Charles. *Jacques Lacan*. In: [www.Litenc.com](http://www.Litenc.com)

Joel Birman – Revista *Cult*, número 77, fevereiro/2004

*Bulletin de L'Association lacanienne internationale*, n 106 Janvier 2004